

Robert SPENCE. *A Functional Approach to Translation Studies: New systemic linguistic challenges in empirically informed didactics*. Berlin: dissertation.de. 2004. 286pp.  
ISBN 3-89825-777-0

Thomas J.C. Hüsgen  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto –  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)  
thomsgen@sapo.pt

A monografia de Robert Spence, com o título *A Functional Approach to Translation Studies: New systemic linguistic challenges in empirically informed didactics*, representa a publicação da sua tese de doutoramento na área dos Estudos da Tradução apresentada na Universidade de Leipzig (Alemanha). O autor, docente de Teoria da Tradução nesta mesma universidade, aplica neste estudo o paradigma proposto pelo contextualismo britânico ao texto traduzido com o intuito declarado de provar a aplicabilidade desta perspectiva aos estudos da tradução. Em resposta ao estruturalismo americano e europeu, esta abordagem desenvolvida por J.R. Firth procurou ultrapassar a análise estática e isolada da língua definindo o significado de unidades formais a partir de situações autênticas e contextualizadas. Na sequência desta proposta, na tradição das teorias semânticas pragmáticas de cariz wittgensteineano, Halliday, McIntosh e Strevens (1964: 18ss.) desenvolveram um modelo descritivo estratificado, distinguindo o nível da substância (fonética e fonologia), dos níveis da forma (gramática e léxico) e do contexto (semântica e situação extra-linguística), e lançando o fundamento para os estudos que se propõem descrever o significado em termos estritamente linguísticos. E é justamente este objectivo programático que permite estabelecer, de uma forma inequívoca e declarada, objectivos comuns entre os estudos linguísticos

e os estudos da tradução. Tendo surgido no mundo ocidental no pós Segunda Grande Guerra como sub-disciplina linguística, os estudos de tradução procuraram ganhar a sua autonomia no final dos anos setenta, enquanto área do conhecimento independente. Para isso, procederam a uma mudança de paradigma em que a comparação e a contrastação entre as diferentes línguas em contacto eram substituídas na sua importância por perspectivas centradas em questões de ordem cultural e cognitiva. Recentemente, e com o ressurgimento da linguística computacional no âmbito dos estudos de tradução, tem-se observado uma reaproximação entre estas duas áreas do conhecimento. O estudo aqui apresentado é um bom exemplo para essa “reformulação estratégica” destas duas áreas afins.

Desde já terá que ser sublinhado que não se deve confundir na presente obra esta abordagem com os modelos funcionalistas da *translação*, baseados nas publicações de K. Reiss e H.J. Vermeer. Trata-se de uma tentativa, a nosso ver, bem conseguida, de reaproximar a análise linguística aos estudos da tradução, de certa forma interrompida pela escola da teoria do *escopo*, como ficou conhecido o modelo funcionalista alemão. De resto, o autor faz questão em afirmar, logo no início do seu estudo, o intuito de refazer a ponte entre a linguística aplicada e os estudos da tradução:

Although the present work is concerned with problems of translation, it is intended primarily as a contribution to applied linguistics and not as a contribution to translation studies. This distinction implies no criticism of the latter discipline, nor should the making of it be construed as a principled rejection of interdisciplinarity: it is precisely the aim of the present work to build a bridge between the two disciplines.[...] If at times it appears that the tensions between the opposing [...] perspectives of applied linguistics and translation studies are being deliberately exarcebated, the reader may rest assured that this police is being pursued with a sole desire: that the reconciliation of the two disciplines be swift, precise, and sustainable.

(p.1)

Seguindo uma estrutura clara, por vezes um pouco fragmentada, o autor propõe-se aplicar o modelo sistémico-funcional de M. A. Halliday ao estudo de um *corpus* linguístico produzido por estudantes

de tradução da Universidade de Leipzig. O *corpus* é composto por 52 textos de partida em língua alemã e 1232 textos de chegada em inglês, dos quais 1165 foram produzidos por 220 estudantes de língua materna alemã e outros 67 textos produzidos por 8 estudantes nativos do inglês. O objectivo principal da constituição deste *corpus* prende-se com o desenvolvimento de métodos científicos para a avaliação objectiva de traduções recorrendo ao conceito de interferência na explicação da maioria dos erros tradutivos.

Depois de apresentar no primeiro capítulo a justificação das suas opções teóricas, no segundo capítulo o autor explora minuciosamente os vários pontos de contacto entre a linguística aplicada e a teoria da tradução. Reitera a necessidade de um modelo analítico, no sentido duma didáctica da tradução, que oferece um método científico que não permita apenas descrever e explicar o processo tradutivo de uma forma adequada, mas que, para além disso, ofereça critérios objectivos e empiricamente sustentados para uma avaliação da qualidade de soluções tradutivas. Optando para esse efeito pela teoria sistémico-funcional, Spence explica no terceiro capítulo os principais conceitos do modelo, não deixando de apontar algumas das desvantagens e insuficiências desta abordagem na avaliação de textos traduzidos. No quarto capítulo, que funciona como introdução à parte empírica do trabalho, após uma apresentação mais detalhada do *corpus* analisado, o autor procura responder a possíveis dúvidas por parte do leitor acerca da aplicabilidade de um modelo analítico de cariz linguístico nos estudos da tradução, demonstrando que o modelo sistémico-funcional, em conjugação com ferramentas disponibilizadas pela linguística computacional, oferece enormes vantagens para o estudo da tradução. São estas vantagens que o autor tenta explorar nos capítulos quinto e sexto, onde procede a uma análise exaustiva do *corpus* apresentado. Finalmente, no capítulo sétimo, Robert Spence apresenta propostas para a aplicação didáctica do modelo por si desenvolvido na formação de tradutores.

Não há dúvida que este trabalho oferece uma contribuição válida na recolocação da análise linguística nos estudos da tradução que, desde os tempos da “viragem cultural” iniciada pelos trabalhos de Katharina Reiss e Hans J. Vermeer, passou a ter uma posição demasiadamente secundarizada. Na tentativa de criar a sua

autonomia em relação aos estudos linguísticos, a teoria da tradução tem vindo a menosprezar a perspectiva linguística nos seus modelos explicativos e só recentemente, e com a (re)emergência da linguística computacional, se tem assistido à “reabilitação” da análise linguística nos estudos da tradução. É à luz desta evolução que este trabalho aqui apresentado deve ser enquadrado – por um lado, no lançar de novas pistas para a avaliação de traduções, e, por outro, na proposta de aplicação de um modelo analítico eficaz no ensino da tradução, hoje, por vezes, demasiado “desverbalizado”.

Partindo de uma perspectiva muito influenciada pela análise de erros dos anos 70 e 80, apoiada em autores como König (1972), Leisi (1972), Nickel (1973), Legenhausen (1975), Clyne (1987), Wilss (1989) e Neubert (1989), para mencionar apenas alguns, Spence tenta suplantar uma heurística intuitiva, muito enraizada, a seu ver, na avaliação tradutiva, e elabora um esquema de classificação de erros que, no nosso entender, só peca por apresentar uma visão excessivamente centrada na frase como unidade de tradução. Apesar disso, o autor é bem sucedido na demonstração de que o paradigma sistémico-funcional fornece uma ferramenta de análise linguística válida e produtiva aplicada ao processo tradutivo, e que, apesar de focalizar em demasia na unidade de tradução ao nível da frase, abre novas perspectivas na avaliação e explicação de soluções tradutivas.

#### REFERÊNCIAS

- Clyne, M. 1987. Cultural Differences in the Organisation of Academic Texts. *Journal of Pragmatics*. **41**: 217-247.
- Firth, J. R. 1956. Descriptive Linguistics and the Study of English. In: F. R. Palmer (Ed.). *Selected Papers of J. R. Firth 1952-59*. London: Longman, 96-113.
- Halliday, M.A.K.; McIntosh, A.; Strevens, P. 1964. *The Linguistic Sciences and Language Teaching*. London: Longman.
- König, E. 1972. Fehleranalyse und Fehlertherapie im lexikalischen Bereich. In: G. Nickel (Ed.). *Fehlerkunde: Beiträge zur Fehleranalyse, Fehlerbewertung und Fehlertherapie*. Berlin: Cornelsen-Velhagen & Klasing, 73-77.
- Legenhausen, L. 1975. *Fehleranalyse und Fehlerbewertung*. Berlin: Cornelsen-Velhagen & Klasing.
- Leisi, E. 1972. Theoretische Grundlagen der Fehlerbewertung. In: G. Nickel (Ed.). *Fehlerkunde*. Berlin: Cornelsen-Velhagen & Klasing, 25-37.

- Wilss, W. 1989. Interferenzerscheinungen beim Übersetzen. Fremdsprache-Grundsprache / Vorschläge zu einer prozeduralen Analyse. In: H. Schmidt (Ed.). *Interferenz in der Translation*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 7-18.
- Neubert, A. 1989. Interference between Languages and between Texts. In: H. Schmidt (Ed.). *Interferenz in der Translation*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 56-64.

